NOTÍCIAS AFRICANAS 58

CLIPPING SEMANAL SOBRE OS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA E ÁFRICA AUSTRAL • 6 A 12 DE MAIO DE 1994

ÁFRICA DO SUL

O futuro pode ser tudo ou nada

A composição do governo Mandela revela algo do peso de cada um dos variados grupos que compõem o ANC. Tal fato merece reflexão pois, como é sabido, o ANC é uma organização com latentes contradições internas. Agora mesmo, apesar de a expectativa de êxito eleitoral ter funcionado como amortecedor, ficaram nítidas, logo na montagem do gabinete, as divisões. Além disso, há muito é apontada uma suposta contraposição entre base e cúpula do ANC, de certa forma evidenciada na escolha de Winnie Mandela para o cargo de vice-ministra da Cultura, Ciência e Tecnologia, apesar dos compromissos moderados da cúpula do movimento.

Na verdade, o espaço para especulação não é restrito a essa tensão entre os radicais jovens e a cúpula moderada do movimento. Na própria cúpula provavelmente aparecerão as disputas que, imaginava-se, teriam acontecido imediatamente após o retorno das lideranças exiladas do ANC. Mas naquele momento, nos idos de 1989, houve uma convergência estratégica de interesses nas frações da cúpula do movimento, pois a moderação se impunha como opção mais lúcida e era necessário derrotar o radicalismo dos setores mais esquerdistas do ANC.

Informações recentes da imprensa britânica prevendo a abdicação de Mandela daqui a dois anos tornam oportuno imaginar como se comportaria o ANC num contexto de eclipse da unanimidade em torno de Mandela. Afinal, uma verdade se impõe: a incontestabilidade da liderança de Mandela, cuja força simbólica é um dos fatores que integram e dão unidade ao ANC, tende a expirar nos próximos meses. Alçado ao poder, Nelson Mandela deixará de ser visto como a personificação da luta contra o *apartheid* e passará a ser um governante exposto aos desgastes inerentes à tarefa de dirigir uma nação com problemas tão graves.

Certamente, as disputas pelos espaços hoje ocupados por Mandela não esperarão o fim de seu governo. Já são claras as preferências do novo mandatário sul-africano: no momento, o grupo de lideranças formado no exterior é o mais próximo de Mandela. Dos 18 membros do ANC no gabinete ministerial, 11 são ex-exilados. A escolha de Thabo Mbeki, expoente da ala dos ex-exilados, para o cargo de primeiro vice-presidente pode também ser avaliada como um sintoma do prestígio desfrutado pelas lideranças formadas no exterior.

A outra fração poderosa na cúpula do ANC é oriunda da luta interna travada contra o *apartheid* e está personificada, de certa maneira, na figura de Cyril Ramaphosa, cuja trajetória se confunde com a história recente do movimento sindical sul-africano. Apesar das origens, Ramaphosa participou e apoiou a moderação dos ex-exilados na condução das negociações que antecederam o pleito eleitoral de abril. No entanto, na montagem do gabinete, preterido para o cargo de primeiro vice-presidente, Ramaphosa, segundo rumores, recusou-se a aceitar qualquer cargo no Executivo.

Os elementos que favoreceram nos últimos três anos a unidade na cúpula do ANC já não existem. Antes, havia o perigo de o esquerdismo inviabilizar a transição. Agora, o contexto é outro, no qual poderão surgir disputas pelo poder e divergências acerca da melhor maneira de melhorar a difícil situação dos negros sul-africanos.

Roquinaldo Amaral Ferreira
(Pesquisador do CEEA)

NESTA EDIÇÃO

- Somos todos sul-africanos 3
- Um excitante Primeiro de Maio 3
- Acabou o 'apartheid', viva o PC 4
- Um resultado perfeito 5
- Tomar posse, não o poder 6
- Milagre na África do Sul 7
- Mandela no cimo da montanha 8
- Seremos generosos 9
- A revolução Benetton 10
- O ANC ganhou, toca a trabalhar 10
- Prepara-se novo Governo 11
- A artista negra que era um branco rico 12
- Angola precisa de governo de unidade nacional 13
- O Partido Nacional é o único multirracial 14

ÁFRICA DO SUL

Os homens do presidente

Pelo percentual de votos obtido nas eleições, coube ao ANC indicar o primeiro vice-presidente da República e 16 ministros. A escolha desses nomes tem bastante da marca pessoal de Nelson Mandela, que também manifestou o desejo de que o atual ministro das Finanças, Derek Keys, permanecesse no cargo, um gesto a mais favorável à comunidade de negócios, tanto doméstica quanto internacional.

As breves notas biográficas a seguir são do primeiro vice-presidente e de oito dos 16 ministros. Mais da metade é de veteranos do movimento, quatro deles provenientes da Liga da Juventude do ANC (tal como Mandela), mas o que parece ser a característica principal é que, em sua maioria, são nomes nascidos da longa aliança – a famosa *Troika* – entre o ANC, o Partido Comunista Sul-Africano (SACP) e a central sindical Cosatu (Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos).

Thabo Mbeki, primeiro vice-presidente. Mbeki ocupa um posto primordial, sobretudo quando se sabe que o presidente tem perto de 76 anos. Ele é o número dois na hierarquia do Comitê Executivo Nacional, eleito como tal no último congresso do ANC, em Durban, em 1991. Venceu seu pressuposto rival, Cyril Ramaphosa, que permanecerá como secretário geral do ANC. Preferido pela *Troika*, Mbeki é também muito popular entre a juventude, por ter chefiado a Liga.

Nascido no Transkei, em 1942, é filho de Govan Mbeki, renomado militante do ANC e do SACP que foi condenado e preso junto com Mandela, em 1963. Thabo entrou para a Liga da Juventude com 14 anos e em 1962 foi enviado para o exterior, chegando, após algumas peripécias, a Londres, onde se graduou em economia e exerceu eficiente atuação em prol do ANC. Em 1970 parte para treinamento militar na União Soviética. Ao retornar, inicia uma bem-sucedida carreira diplomática, representando o ANC em várias capitais africanas. Torna-se membro do Comitê Executivo Nacional em 1975 e, três anos depois, é diretor de Informações junto ao presidente do movimento à época, Oliver Tambo. E também, desde 1985, membro do Conselho Político-Militar do MK, o braço armado do ANC. Após a libertação de Mandela, volta ao país para chefiar o Departamento de Relações Internacionais.

Alfredo Nzo, ministro das Relações Exteriores. Sua nomeação causou surpresa. Estava desligado da cúpula partidária desde 1991 e também se esperava que o cargo permanecesse com o veterano ministro dessa pasta, Roelof "Pik" Botha, afinal nomeado, na cota do Partido Nacional, para o Ministério de Recursos Minerais e Energia.

Nascido em 1925, Nzo formou-se pela então célebre universidade para negros Fort Hare, onde Mandela e vários dirigentes da África Austral estudaram. Foi membro da Liga da Juventude e, em 1958, é eleito para o Comitê Executivo. Após algumas prisões, escapa para o exílio em 1964, representando então o ANC no Egito, na India, na Tanzânia e na Zâmbia. É neste país que o ANC tem sua principal representação no exterior. É eleito secretário geral do ANC no congresso de 1969 e, com a doença e depois a morte de Oliver Tambo, assume a presidência, deixando-a com a libertação de Mandela. Em 1991, afasta-se da vida partidária, mantendo-se, porém, no Comitê.

Trevor Marvel, ministro do Comércio e da Indústria. Mestiço, nasceu na província do Cabo em 1956. E, desde 1991, o responsável pelo Departamento de Economia do ANC. Moderado, contrário às estatizações, é apreciado pelo seu pragmatismo pelos homens de negócio sul-africanos.

Joe Modise, ministro da Defesa. Nasceu em 1929, perto de Johannesburgo, onde foi motorista de caminhão. Aderiu ao ANC com 18 anos, militando na Liga da Juventude. No início dos anos 60 torna-se membro do MK, sendo responsável por vários atos de sabotagem que marcaram a prisão de Mandela e seus campanheiros, em 1963. Parte então para treinamento militar na União Soviética, retornando dois anos depois para a base do ANC na Tanzânia. Assume a seguir o comando do MK e, em 1965, ascende ao Comitê Executivo, posição que ocupa até hoje. É muito popular entre a juventude pelos seus feitos no MK e respeitado pelos oficiais brancos, com os quais negociou a entrada dos militares do MK nas novas Forças Armadas sul-africanas.

Joe Slovo, ministro da Habitação e do Bem-Estar Social. Considerado o "estrategista" do ANC, foi ele quem aconselhou Mandela a abandonar a exigência de uma *transferência do poder* pela idéia de *partilha do poder* com os brancos. Seu realismo faz dele, como salienta *Le Monde*, um dos personagens-chave neste período de transição da África do Sul.

Nascido em 1926 na Lituânia, de família judia, chegou ainda criança à África do Sul. É formado em direito e veterano da II Guerra Mundial. Militante do SACP desde a juventude, chegou a ser seu secretário geral, em 1986.

Casou-se em 1949 com Ruth First, que chefiou o Departamento de Pesquisa do Centro de Estudos Africanos, de Moçambique, onde morreu vítima de um atentado perpetrado pelos serviços secretos sul-africanos em 1982. Slovo foi um dos fundadores do MK, do qual foi chefe do Estado-Maior até 1987.

Jayseelan "Jay" Naidoo, ministro sem pasta. De origem indiana, nascido no Natal em 1954, ele encarna o movimento sindical, tendo sido secretário geral da Cosatu desde 1985, quando o Congresso dos Sindicatos foi fundado, até 1993, ocasião em que passa a se dedicar inteiramente ao ANC. Seu cargo indica que será um dos mais próximos conselheiros do presidente Nelson Mandela.

Sydney Mufamadi, ministro da Polícia. Nascido em Alexandra, uma *township* vizinha de Johannesburgo, em 1959, Mufamadi é um exemplo concreto da aliança ANC-SACP-Cosatu, pois foi dirigente dessas três organizações. Era professor antes de ingressar na União Geral dos Trabalhadores (GAWU), da qual se torna secretário geral em 1982. Tem importante participação na criação da VDF (Frente Democrática Unida) em 1983. No ano seguinte, torna-se secretário geral adjunto da Cosatu. Tem sido sempre um dirigente do *interior*, sofrendo várias prisões. É membro do Comitê Executivo desde 1991.

Satyandranath "Mac" Maharaj, ministro dos Transportes. De origem indiana, nascido no Transvaal em 1929, é um veterano companheiro de luta e de prisão de Mandela, tendo sido membro da Liga da Juventude e do SACP desde a adolescência. Libertado em 1989, toma parte ativa nas negociações com o governo De Klerk visando à transição.

José Maria Nunes Pereira
(Pesquisador do CEAA)

Somos todos sul-africanos

Miguel Vale de Almeida

PÚBLICO, 1.5.94

Quando oiço falar da África do Sul, é sempre do Trevor que me lembro. Perdoem-me o tom pessoal, mas só assim é que a política e a História fazem sentido. Massas não é comigo...

Conheci o Trevor quando frequentava a universidade nos Estados Unidos, em meados dos anos 80. Ele estudava no departamento de Sociologia com o famoso Immanuel Wallerstein, o senhor dos "sistemas-mundo" Na África do Sul, o "apartheid" estava no auge da sua atitude repressiva e o Trevor aliava à compreensão sociológica da situação, o activismo político anti-"apartheid".

A nossa universidade pertencia ao sistema estadual de universidades de Nova Iorque, cerca de uma dezena de "campus". O concessionário das cantinas de estudantes era uma empresa — a Marriott — conhecida também por fazer o "catering" de várias companhias de aviação. Acontecia que a dita empresa tinha importantes negócios na África do Sul e havia recusado transferi-los para outros países. Isto é, beneficiava do "apartheid". Foi quanto bastou para o Trevor organizar um boicote às cantinas.

Para que o boicote tivesse efeito — e também para que o movimento anti-"apartheid" ganhasse força —, era necessário coser vários interesses. A política americana — e sobretudo a dos "campus" — não se faz com projectos globais, mas em torno de causas específicas, que, umas vezes, emanam de grupos de interesse, outras, conjugam dois ou mais destes.

Era preciso mobilizar os negros americanos, tradicionalmente pouco interessados nas coisas africanas; era preciso convencê-los a aceitarem a participação dos judeus progressistas. A ambos era preciso convencer de que os pacifistas podiam ajudar, pelo que se devia baixar de tom a retórica guerreira. E a todos era necessário convencer de que os "gays" podiam dar uma mãozinha e sabiam fazer mais do que dançar ao som do "Like a virgin" da Madonna.

O Trevor conseguiu-o. Com a calma, o sorriso e as boas maneiras que tinha. As pessoas uniram-se em relação àquela causa concreta. O boicote foi crescendo, fomos frequentando mais a cooperativa vegetariana (de qualquer modo já estávamos fartos de lixo alimentar). Houve quem aprendesse a conviver com gente que, à partida, achava detestável. Quando o boicote alastrou a outros "campus", quando houve manifestações, quando a administração da universidade se viu obrigada a considerar o cessamento da concessão, fez-se festa: sionistas de esquerda (sim, existem), lésbicas camionistas e "blacks" da linha Malcom X dançaram juntos. Pela primeira vez e, talvez, pela última. Mas dançaram.

Agora que tanto se fala dos portugueses da África do Sul, lembro-me do espanto (simpático e trocista) com que o Trevor nos perguntava (a mim e a outros portugueses): "Mas vocês são mesmo portugueses?" Não sabíamos se devíamos rir ou corar. Depois, acabou-se. Nas aulas, tínhamos aprendido sobre colonialismo e subdesenvolvimento. No terreno, tínhamos medido a nossa capacidade de intervenção como cidadãos. Eu vim para Portugal, onde acabei a escrever estas coisas. O Trevor — que não podia voltar ao seu país — foi para a Suíça. Hoje, se calhar, está de regresso ao cabo das Tormentas. Se calhar está na praia. É que o Trevor, antes, não podia ir à mesma praia que os brancos — os mesmo que, há séculos, fugiram da miséria da Europa. Como os portugueses, com uns séculos de atraso. ■

Desorganização e excesso de zelo atrasam contagem dos votos na África do Sul

Um excitante Primeiro de Maio

PÚBLICO, 1 5.94

Do nosso enviado
Jorge Heitor
em Joanesburgo

Depois da desorganização no voto, é a exasperante lentidão na contagem. Os sul-africanos vão passar o Primeiro de Maio nervosamente agarrados aos rádios e às televisões, a seguirem os resultados das eleições. O ANC espera ter obtido pelo menos 60 por cento dos votos, mas as primeiras contagens, relativas ao Cabo Ocidental, davam alguma esperança ao Partido Nacional.

Trinta horas depois do encerramento das urnas na maioria do país apenas havia 30 mil votos apurados. Responsáveis da Comissão Eleitoral Independente admitiam ontem à noite um atraso muito maior que o inicialmente previsto. A este ritmo, os resultados finais poderão não ser conhecidos antes de terça-feira.

Além da desorganização com que a votação correu e que levou ao seu prolongamento nalgumas regiões, uma espécie de "excesso de zelo" em muitos locais está a fazer arrastar o escrutínio dos votos. Em várias regiões, diversos partidos denunciaram discrepâncias no número de urnas recolhidas e, assim, em vez de contar votos, os escrutinadores conferiam interminavelmente o número de urnas.

No Transkei, a contagem estava atrasadíssima, pois os funcionários só aceitaram iniciar o trabalho a partir do meio-dia, depois de lhes terem assegurado que seriam devidamente pagos.

A desorganização, o zelo e a suspeição são naturais numa situação de "estreia" como esta, mas podem vir a criar alguma tensão.

Apesar disso, a maior parte dos observadores estrangeiros já estava a partir, incluindo os da associação dos diferentes parlamentos europeus (AWEPA), dirigidos pelo britânico David Steel, enquanto a delegação do Parlamento Europeu, que incluía a socialista portuguesa Maria Belo, anunciava que o processo fora "substancialmente livre e justo", apesar das dificuldades logísticas e organizacionais.

Ontem à tarde, numa conferência de imprensa, o secretário geral do ANC, Cyril Ramaphosa, reconheceu que o acto eleitoral tinha sido de um modo geral justo, disse que significara a grande reconciliação nacional e previu uma maioria superior a 60 por cento, tal como é desde há meses o objectivo do partido presidido por Nelson Mandela.

Palavras simétricas teve o Presidente De Klerk, que depois de ter dito que estas eleições haviam salvo a África do Sul, garantiu que se perder agora ganhará em 1999.

Buthelezi dizia apenas estar "muito ansioso" quanto ao atraso e aos resultados que viriam a ser apurados. No entanto, declarou aos jornalistas que aceitaria os resultados das eleições, mesmo que eles lhe não sejam favoráveis.

Uma amostra do Cabo

Os primeiros resultados conhecidos (a partir das 15h30) davam vantagem ao Partido Nacional, de Frederik de Klerk, que às 19h30 estava com sensivelmente 63 por cento dos 30 mil votos apurados, face a 29 por cento para o ANC, 3,1 para a Frente da Liberdade, do general Constand Viljoen, 2,1 para o Partido Democrático e 0,7 tanto para o PAC, tal como para o Partido Democrata Cristão Africano. O Partido Luso Sul-Africano contava com 13 votos, o que lhe dava o 13º lugar entre os 19 concorrentes.

Tratava-se de uma contagem referente ao Cabo Ocidental e não era considerada significativa do universo nacional, dado que naquela província há 60 por cento de mestiços, 22 de brancos e somente 18 de negros, sendo o afrikaans a língua falada pela maioria da população.

Às 22h30, com 45 mil votos apurados, relativos ao Cabo Ocidental, Orange, Natal e Traansval Ocidental, o PN estava com 50 por cento e o ANC com 42,8.

Mesmo sem serem representativos, estes números vieram acalentar as esperanças do Partido Nacional ficar à frente de pelo menos duas províncias e de, no conjunto da África do Sul, conseguir mais de 20 por cento dos lugares, constituindo

Continua na pág. 4

Acabou o "apartheid", viva o PC

PÚBLICO, 1 5 94

O "POLITICAMENTE correcto" chegou finalmente — mesmo a tempo da democracia. As pessoas estão preocupadas sobre como se comportar na era pós-"apartheid", onde os preconceitos do passado já não têm hipótese de sobrevivência.

Novas e "muito na moda" formas de comportamento estão a ser tentadas ao mesmo tempo que a África do Sul se transforma através de eleições multirraciais, passando do colete de forças do poder branco para um governo de unidade nacional dirigido por negros.

As donas de casa brancas das zonas suburbanas costumavam falar l-e-n-t-a-m-e-n-t-e e ALTO em inglês quando se dirigiam ao seu pessoal doméstico. Agora, correm para escolas de línguas para aprender zulu, e assim poderem dar ordens nesse idioma. As livrarias estão cheias de manuais para o auto-aprendizagem de uma dúzia de línguas africanas. O novo hino nacional é em xhosa.

"Os brancos sentem-se obrigados a comportar-se de maneira politicamente correcta para com os negros, como forma de emendar os erros do 'apartheid'", diz o professor de política Deon Geldenhuys.

Ironicamente, ele sugere expressões para ajudar os brancos a distanciarem-se dos afrikaners retintos. "Não digam piadas que tenham como motivo os negros", diz o professor. "Mas podem dar largas à vossa imaginação e usar e abusar de piadas em relação aos brancos, especialmente se forem afrikaners."

"Todas as lutas produzem vencedores e vencidos e a nossa está a aproximar-se do fim... eles terão ganho e nós perdemos", diz o escritor afrikaner liberal Rian Malan, autor de um estudo sobre o "apartheid" saudado pela crítica como uma obra de referência, "O Meu Coração de Traidor".

Ele sugere que as pessoas são livres de criticar os negros quando há justificação para isso, em vez de se manterem em silêncio por medo de parecer racista, mas também podem dizer coisas gentis, perdida que está "a arrogância insuportável" do poder branco.

Uma das séries de banda desenhada mais populares no país é "Madam and Eve", um olhar terno e irónico sobre uma mulher branca e a sua criada, reflectindo a paranóia geral.

Um episódio recente foca os medos subliminares entre alguns brancos de que os negros, celebrando a vitória eleitoral, tentem ocupar as suas casas de muros altos nos subúrbios das grandes cidades.

A família da "madame" (a canónica designação das mães de família brancas) sente que é politicamente incorrecto negar a entrada a um casal negro que lhe aparece à porta e que quer ver a casa, embora ela não esteja à venda. Mas os negros vão-se embora, comentando que a decoração é horrivelmente "kitch" e que as casas de banho não servem.

"Pelo menos gostaram do candeeiro da sala", diz Eve, levando a sua gorda patroa a dizer: "Mais uma palavra e estás despedida."

Durante muito tempo isolada pela comunidade internacional, esta nação obcecada pela raça está agora a tentar reinventar-se com imagens idealizadas que vão aparecendo nos órgãos de informação, sobre comunidades a viverem alegremente um espaço comum e racicamente misto.

Um profissional de publicidade afirma: "Anunciar é vender às pessoas aquilo que elas não têm mas que podem ser convencidas a querer."

Os negros estão a preencher os lugares-chave na estrutura da South African Broadcasting Corporation (SABC, a rádio e a televisão estatais), no passado a voz do poder branco, mas os programas ainda reflectem o "apartheid", com canais separados para brancos e negros, devido às barreiras da língua.

Uma forma de Incorrecção Política chegou tão longe como as partes íntimas masculinas. Roupa interior muito delicada, para homem (sim, para homem), está a ser comercializada sob a marca ANC - não, não é o nome do partido decerto vitorioso na histórica ida às urnas, o Congresso Nacional Africano, mas um tal "African National Coverup" (Aldrabice Nacional Africana).

O comentador político Lester Venter conseguiu resumir com felicidade o sentimento predominante na comunidade branca. Diz ele num artigo: "Esta nova África do Sul, tinha que acontecer — mas porra, meus, isto não vai ser pêra doce."

O recém-comercializado jogo de salão "Democracy" apareceu nas lojas sul-africanas colocando os jogadores a controlarem um partido político e determinados recursos naturais. Os fabricantes dizem que os jogadores podem desenvencilhar-se dos adversários com a ajuda de assassinos, comprar guarda-costas, adquirir jornais e minas de ouro em esquemas pouco ortodoxos — uma versão revista dos velhos tempos. ■

James Flannery/Reuter, em Joanesburgo

Continuação da pág. 3

Um excitante Primeiro de Maio

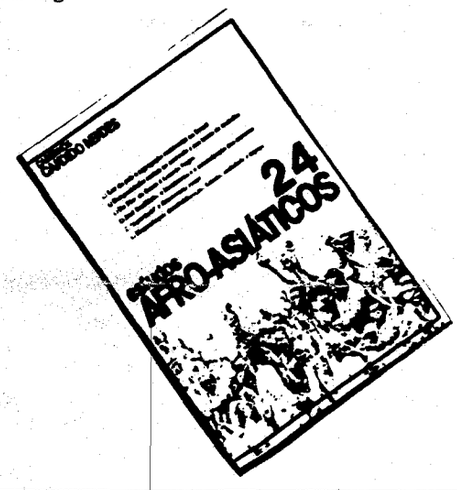
assim um bom contraponto à prevista maioria do ANC.

Ao princípio da tarde, o embaixador de Portugal em Pretória, Jorge Ritto, manifestara ao PÚBLICO a opinião de que quantos mais partidos conseguissem chegar aos cinco por cento melhor, pois que é preferível ver as diferentes forças políticas devidamente representadas a nível da Assembleia Nacional e do Governo do que porventura a desencadearem uma acção extraparlamentar.

No entanto, se algum significado se pudesse dar aos primeiros resultados conhecidos, para além de uma mera curiosidade, seria de crer que muito poucas forças terão hipótese de vir a ser consideradas para o Governo de Unidade Nacional, se bem que a representação na Assembleia seja muito mais fácil: basta um por cento dos votos para se conseguirem quatro deputados num total de 400, enquanto é preciso chegar aos cinco por cento para se negociar a entrada no executivo.

Pelas 17 horas de ontem já o Partido Democrático, de Zach de Beer, manifestava a sua desilusão pelo facto de se admitir, numa projecção dos primeiros resultados, de que não deverá chegar sequer aos três por cento dos lugares.

Uma das novidades do dia, à margem da contagem dos votos, fora dada pelo "Weekend Star", de Joanesburgo: fontes policiais não excluem que esteja para os próximos dias a detenção do líder do AWB, Eugène Terre'Blanche, na sequência da prisão dos seus principais colaboradores, que vão responder em tribunal pelos atentados bombistas de há uma semana em Joanesburgo, Germiston e Pretória. ■



Sida em S. Tomé

PÚBLICO, 4 5.94

O NÚMERO de vítimas da sida em São Tomé e Príncipe quadriplicou no espaço de um ano. Segundo António Lima, director dos serviços de saúde daquele país, no ano passado mais de 1200 pessoas foram vítimas da sida, enquanto que no ano anterior apenas foram confirmados 300 casos daquela doença. Até agora o serviços de saúde registaram 13 mortes relacionadas com a sida. Em São Tomé o vírus da sida é essencialmente transmitido por via sexual e o governo já lançou uma campanha de informação sobre a doença e os modos de prevenção e organizou a distribuição gratuita de preservativos junto da população. No entanto, António Lima disse à Reuter que há muitas pessoas que não levam a sério o avanço da doença naquela ilha. ■

ANC à frente em sete províncias, Partido Nacional a vencer no Cabo Ocidental e o Inkatha no Kwazulu/Natal

Um resultado perfeito

Do nosso enviado
Jorge Heitor
em Joanesburgo

Com menos de um quarto dos votos contados, o ANC vence claramente, mas não em todo o país. O Partido Nacional chama a si o Cabo Ocidental e o Inkatha deve arrebatar o Kwazulu/Natal. O "voto útil" em De Klerk bipolarizou o país. Notável é a calma com que o povo está a aguardar os resultados finais. Este foi o mais pacífico fim-de-semana da África do Sul nos últimos anos.

A nota mais saliente do dia de ontem foi a enorme paciência com que a maior parte dos sul-africanos continuou a aguardar os resultados que a Comissão Eleitoral Independente lhe vai fornecendo a conta gotas, mais de 48 horas já passadas sobre o encerramento das urnas nos locais onde tiveram de estar abertas até mais tarde.

As 21 horas, apurados ainda pouco mais de 20 por cento dos votos, confirmou-se na generalidade o que de essencial já se sabia, mas também houve algumas pequenas surpresas, tendo sido possível começar a conhecer melhor o presente momento político que a África do Sul está a atravessar.

O ANC está a levar a melhor, conforme já se calculava, e no cômputo geral deverá ficar acima dos 56 por cento dos votos, só lhe escapando as províncias do Cabo Ocidental, que vai para o Partido Nacional, tal como igualmente já se admitia, e do Kwazulu/Natal, onde o Inkatha parece estar como peixe na água.

Uma das surpresas será porventura a de o partido actualmente chefiado por Frederik de Klerk ter a hipótese de ficar acima dos 23 por cento, apesar de já se encontrar no Governo há 46 anos e de ter protagonizado o regime que agora está a ser desmantelado.

Outra surpresa, interligada à anterior, é a de nenhum terceiro partido ser capaz de, a nível nacional, atingir sequer os cinco por cento, pois que se verificou uma tendência para a bipolarização, tendo muitos dos que receiam o ANC preferido votar no Partido Nacional, em vez de se dispersarem por forças menores.

PÚBLICO, 2 5 94

As três sensibilidades brancas

Na terceira posição desta corrida (com cerca de quatro por cento cada) encontravam-se ontem ao princípio da noite muito próximos um do outro o Inkatha, especialmente devido aos votos do Kwazulu/Natal, e a Frente da Liberdade, do general Constand Viljoen, antigo Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas Sul Africanas, que surgiu nos últimos meses como o verdadeiro líder da direita africaner, desejosa de conseguir a formação de um estado autónomo boer, um Volkstaat.

O quinto lugar ia a dada altura da contagem para o Partido Democrático, do liberal africaner Zach de Beer, com menos de três por cento do total de votos. E eis uma curiosidade, num país de maioria negra: três dos partidos que se apresentam nos cinco primeiros lugares são dirigidos por brancos, representando três diferentes sensibilidades da comunidade de cinco milhões de cidadãos sul-africanos de origem europeia.

De Beer foi desde sempre um homem de centro-esquerda, De Klerk passou nos últimos cinco anos da direita para o centro e Viljoen representa neste momento a direita civilizada boer, deixando à margem do processo negocial extremistas como Ferdi Hartzenberg, líder do moribundo Partido Conservador, e Eugène Terre'Blanche, cujo estado-maior se encontra detido sob suspeita de bombismo.

Relegado na sexta posição encontrava-se o Congresso PanAfricano, da extrema esquerda, que não conseguia muito mais de um por cento dos votos entretanto apurados, mas mesmo assim à frente do Partido Democrata Cristão Africano e das demais 12 formações que se apresentaram a nível nacional, como foi o caso do Partido Luso Sul Africano, de Manuel Moutinho, que a meio da tarde de ontem ainda não chegara a um milhar de votos.

Note-se, entretanto, que neste tipo de eleição, sem cadernos eleitorais, não é possível dar números exactos de abstenção nem da parte dos votos que já foi contada. Tudo o que se disser a esse respeito é por aproximação e só quando a Comissão Eleitoral Independente der por terminados os seus trabalhos, num dos próximos dias, é que se saberá realmente quantos cidadãos votaram: 15, 17, 19 milhões?

Por enquanto, às 21 horas de ontem, apenas era possível dizer que tinham sido oficialmente contados uns quatro milhões de votos para a Assembleia Nacional e mais ou menos outros tantos para as diferentes assembleias provinciais. Dos primeiros, um pouco mais de metade fora para o ANC, um terço para o Partido Nacional e perto de quatro por cento para o Inkatha.

No Cabo Ocidental, o partido do actual Governo estava com 59 por cento dos votos e o ANC com 24, enquanto o Partido Democrático apresentava aí o seu melhor resultado, 7,8 por cento. No Kwazulu/Natal, o Inkatha registava 50 por cento, o ANC 22 e o Partido Nacional 12. Nas restantes províncias, as listas afectas a Nelson Mandela cotavam-se acima dos 49 por cento, indo mesmo no Transvaal Setentrional (97 por cento de população negra) aos 75. ■

Hernus Kriel no Cabo

O HOMEM que vai ser o primeiro-ministro do Cabo Ocidental, devido à vitória do Partido Nacional, é o até agora ministro da Lei e da Ordem, Hernus Kriel, de 52 anos, que tem vindo a conduzir a polícia sul-africana durante este difícil período de transição do Governo monopartidário para a grande coligação bipartidária.

Kriel ficou o ano passado mal visto quando houve uma enorme rusga nocturna a militantes do PAC, que na sua maior parte foram depois colocados em liberdade, tendo o ministro sido chamado à pedra pelo conselho negocial multipartidário, que não entendeu muito bem os motivos da operação. Durante a campanha foi acusado pelo ANC de "jogo sujo" e de explorar o medo dos mestiços.

Advogado, é deputado desde 1984, mas desta vez decidiu dedicar-se ao poder regional, no qual irá porventura tentar demonstrar que pode fazer do Cabo Ocidental uma região modelo, cuja candidatura vai ser apresentada para os Jogos Olímpicos de 2004. ■

Gabriel "Tokyo" Sexwale na PWV

TENDO conseguido aparentemente mais de três quartos dos votos para a assembleia da província Pretória/Witwatersrand/Vereeniging (PWV), a mais populosa da África do Sul, com mais de nove milhões de habitantes, o ANC indicou para primeiro-ministro da mesma Gabriel "Tokyo" Sexwale, de 40 anos, que começou no ano passado a ser conhecido no estrangeiro, aquando da morte do seu amigo Chris Hani, secretário-geral do Partido Comunista. Foi um dos chefes do braço armado do ANC, com formação militar na URSS, e, diz-se, é muito respeitado pelos generais sul-africanos. É casado com uma branca afrikaner.

A mais rica e densamente povoada de todas as nove províncias sul-africanas, erguida à volta da cidade de Joanesburgo, que poderá vir a ser chamada i Goli, a terra do ouro, é habitada em mais de 70 por cento por negros e em menos de 25 por cento por brancos, incluindo portugueses. As línguas mais faladas são o afrikaans, o zulu e o inglês. ■

Opinião

Jonathan Steele, em Joanesburgo*

PÚBLICO, 2 5.94

Tomar posse, não o poder

A DIRECÇÃO do Congresso Nacional Africano tinha uma agenda secreta para as eleições do fim-de-semana na África do Sul. Segundo fontes próximas de Nelson Mandela, o objectivo era não ganhar de forma esmagadora.

Levar o Partido Inkhata da Liberdade do chefe Buthelezi a uma expressão eleitoral de um dígito, a nível nacional, era também um objectivo não declarado, mas o mesmo já não se aplicava em relação ao Partido Nacional. Uma vitória em que o ANC obtenha 60 por cento e o PN 20 por cento seria muito melhor do que uma em que o ANC obtivesse 70 por cento e o PN 10.

Os conselheiros de Mandela dizem que o presidente do ANC tornara claro muito antes da ida às urnas que não só espera, como deseja que F. W. de Klerk obtenha um naco importante no estranho e novo animal africano que está prestes a nascer. Foi decidido há meses que, segundo a Constituição interina, haverá durante os próximos cinco anos um governo multirracial de unidade nacional.

Aquilo que não podia ser previsto era a divisão do poder dentro desse Governo. A partir de agora, à medida que as proporções exactas ganhas pelos vários partidos nas eleições forem sendo conhecidas, Nelson Mandela (a menos que alguma coisa venha ainda a correr dramaticamente mal) será o homem que vai começar a escolher os seus membros.

Depois de décadas cruéis de apartheid, de um quarto de século na cadeia, pode parecer estranho que Mandela queira partilhar o poder com o PN. A razão é a mesma que o guiou, bem como aos seus principais colaboradores, durante os quatro anos de negociações. Eles continuam a ter ainda grande apreensão face ao poder da chamada "terceira força", a amálgama de funcionários superiores, brancos, do aparelho de segurança e da polícia, que poderia sabotar um novo governo multirracial.

À medida que se aproxima do poder, o ANC também aumenta a consciência que tem da distância que vai entre a competência técnica dos profissionais brancos que serviram o apartheid e aquela dos seus próprios quadros. Como os bolcheviques, que descobriram ter que confiar na administração czarista depois de 1917 se queriam que a infraestrutura administrativa não se desmoronasse, o ANC precisa dos tecnocratas brancos, "porque eles tiveram as oportunidades que nos foram negadas", como Mandela costuma dizer.

De Klerk é o homem que pode sossegar o primeiro grupo e evitar que o segundo fuja, como aconteceu com os portugueses em Angola e Moçambique. Mas não se trata apenas de manter de De Klerk como vice-Presidente de nome e de facto como fantoche. Ele tem que ser uma parte genuína no governo.

Emocionalmente, isto não é sempre fácil de aceitar. "Vamos dar-lhe tarefas protocolares, como a inauguração de hospitais", disse um conselheiro de Mandela. O plano seria "empurrar" de Klerk para cima, na vice-Presidência, enquanto o poder real caberia ao governo.

Em momentos de maior realismo, conselheiros do ANC argumentam que De Klerk deve ter um papel real no governo. Isso iria ao ponto de fazer concessões a ele e à comunidade branca que ele representa. "Ele deve poder ir ao seu eleitorado e dizer que nos fez mudar de objectivos", disse na semana passada um dos principais estrategos de Mandela.

Mandela parece ter aceite esta linha. A bicicleta de dois lugares que Mandela e de Klerk têm conduzido nos últimos dois anos vai continuar a rodar, com a diferença de, a partir de agora, os dois homens mudarem de posição. Mandela será o homem com as mãos no guiador.

No intuito de desarmar a direita branca, Mandela também está a pensar em dar um cargo governamental ao General Constand Viljoen, líder da Frente da Liberdade, e antigo comandante da Força de Defesa da África do Sul. O General Viljoen desempenhou um papel fundamental no caminho para as eleições, ao dividir a direita branca e ao decidir participar na consulta popular.

[...] Outros conselheiros de Mandela dizem que o campo de batalha se mudou para a economia. O problema aqui, dizem eles, é ter a certeza sobre quem está a escolher quem para o novo governo. A "terceira força" não é nada, comparada com o poder invisível e difuso que a comunidade empresarial tem ao seu dispor.

Com um pequeno grupo de conglomerados gigantescos a controlarem a maior parte da economia sul-africana, existe uma concentração de propriedade como não há em qualquer outro país desenvolvido.

[...] Mandela não é economista, mas uma das suas principais tarefas será escolher quem ficará encarregado da política económica. Os dois principais candidatos para a chefia do governo são Cyril Ramaphosa e Thabo Mbeki. Embora Mbeki seja economista de formação, é considerado demasiado brando e, devido aos longos anos de exílio, menos preparado que Ramaphosa, que criou o primeiro sindicato mineiro negro e se tornou depois no secretário-geral do ANC e principal negociador com o governo.

As eleições históricas da semana passada deram finalmente à maioria dos sul-africanos a hipótese de influenciarem a criação do governo que querem. Nas mentes mais sóbrias da direcção do ANC existe a consciência de que o partido está apenas a tomar posse, mas não está a tomar o poder. ■

* exclusivo PÚBLICO/"The Guardian"

O novo Parlamento

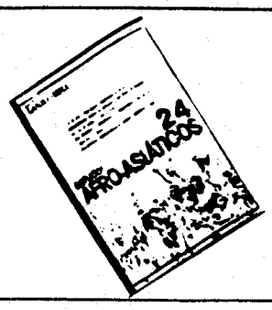
O Parlamento agora eleito terá 490 elementos e será constituído por uma Assembleia Nacional de 400 deputados e um Senado de 90, 10 por cada uma das nove províncias que a África do Sul passa agora a ter. No fim desta semana o Parlamento, que irá ter poderes de Assembleia Constituinte, e vigorar durante cinco anos, deverá eleger um Presidente da República, que terá dois vice-presidentes e um máximo de 27 ministros. Dos 400 deputados, 200 são eleitos a nível nacional e os outros 200 em representação proporcional das nove províncias, conforme a população de cada uma. Um partido com um por cento dos votos poderá ocupar quatro lugares na Assembleia Nacional e com cinco por cento fica com direito a um lugar no Governo. ■

Formação do Governo

NELSON Mandela e Frederik de Klerk reúnem-se amanhã, terça-feira, para iniciar as negociações sobre a formação de um Governo de Unidade Nacional, que em princípio será formado à base do ANC e do Partido Nacional, na proporção dos resultados conseguidos. Se o primeiro ficar com os Negócios Estrangeiros, a cargo de Thabo Mbeki, o segundo poderá conservar a Defesa, nas mãos de Kobie Coetsee, e se a primeira vice-presidência for para Ciryl Ramaphosa a segunda deverá ser para De Klerk. Outros nomes que o Presidente cessante tentará empurrar para o novo executivo são os de Derek Keyes, até agora nas Finanças, e de Roelf Meyer, que tem assumido a responsabilidade do desenvolvimento constitucional. Quanto ao ANC, parece estar a pensar no indiano Jay Naidoo, antigo dirigente da central sindical Cosatu, para a Reconstrução e Desenvolvimento, mas também se levantam as hipóteses de ir para o Trabalho ou o Comércio. ■

Volks Leer pior que AWB

O ANALISTA político Wim Booyse disse numa entrevista à imprensa de Joanesburgo que uma ameaça muito pior do que o AWB poderá estar no horizonte: o Volks Leer, ou Exército Popular, que entraria em acção no caso de Constand Viljoen e os outros generais da Frente da Liberdade se retirarem do processo constitucional. Constituído por militares que fizeram a guerra na Namíbia e em Angola, o novo exército seria muito mais efectivo no combate ao regime que se está agora a instituir dos que os 5000 operacionais do AWB e poderia abrir caminho à força para a formação do Estado essencialmente boer desejado por uma parte dos brancos da África do Sul. ■



Milagre na África do Sul?

João Carlos Espada

PÚBLICO, 2 5 94

Na data em que escrevo ignoram-se ainda os resultados das primeiras eleições multirraciais na África do Sul. No entanto, e apesar da extraordinária incompetência revelada pela organização eleitoral, parece possível dizer que a era pós-"apartheid" começou com sinais encorajadores: a população acorreu em massa às urnas e o acto eleitoral decorreu num ambiente invulgarmente pacífico.

É obviamente muito cedo para lançar foguetes, mas dificilmente pode ser negada a extraordinária dimensão das proezas até aqui alcançadas pela dupla Mandela-De Klerk. Este último teve o mérito indiscutível de liderar a transição do poder branco para uma democracia multirracial em que a esmagadora maioria é composta por negros. Nelson Mandela, por seu turno, revelou-se um líder político e homem de Estado de rara audácia e maturidade.

Depois de ter sido perseguido e encarcerado pelo poder branco, Mandela recusou a política tribal de vingança e deu todos os passos certos para tentar reconstruir uma África do Sul sem dominações raciais. Ninguém pode saber se vai ou não ter sucesso. Mas ninguém pode contestar que Mandela fez tudo o que estava ao seu alcance para o conseguir.

As eleições recém-realizadas marcam o fim do "apartheid". Contudo, assinalam apenas o início da era democrática. É discutível que as dificuldades vindouras possam ser superiores às que já foram enfrentadas. Mas são certamente comparáveis. Prendem-se sobretudo com o problema das minorias e com o não menos explosivo problema das expectativas ultra-inflacionadas da população negra.

Mandela tem repetido sabiamente que não quer repetir o desastre de Angola e Moçambique, onde as minorias e oposições não foram respeitadas. Mas os problemas que tem pela frente são particularmente complicados. A África do Sul compreende 11 minorias, e o país dificilmente pode sobreviver se reconhecer a cada uma o direito de se organizar autonomamente.

Em contrapartida, a forte identidade de zulus e afrikaners não pode ser ignorada, e alguma forma de autogoverno tem de ser encontrada para evitar tensões que podem tornar-se fatais. Os resultados eleitorais no Natal, e a correspondente reacção do chefe Buthelezi, serão a este respeito particularmente esclarecedores. Nelson Mandela sabe melhor do que qualquer outro que as 13 mil mortes ocorridas nos últimos quatro anos foram sobretudo devidas ao conflito entre negros, e não entre negros e brancos.

Mas um outro, e não menor, problema residirá na capacidade do novo governo para lidar com as elevadíssimas expectativas que a população negra deposita na democracia. Essas expectativas são inteiramente compreensíveis. Como recordava recentemente "The Economist", de Londres, o rendimento médio dos negros é apenas um décimo do dos brancos; cerca de metade da população negra não tem emprego formal; três quintos vivem em zonas rurais, onde 80 por cento não têm electricidade e 90 por cento não têm esgotos; e apenas um em cada três negros passou o exame final da escola primária no ano passado.

Mas Mandela também sabe, e tem-lo dito, que a população negra da África do Sul é relativamente afortunada por comparação com os seus pares nos restantes países africanos. O rendimento "per capita" na África do Sul é de 2670 dólares, cerca de sete vezes mais do que nas outras economias africanas. E, se o problema na África do Sul é a discriminação e a pobreza relativa, no resto do continente o problema é a miséria absoluta, a fome, as epidemias e a ignorância generalizada.

Mandela conseguiu essa proeza extraordinária que foi conseguir convencer o ANC de que o grande responsável pelas relativas vantagens económicas dos negros sul-africanos é essa notável entidade, ausente dos outros países africanos, que dá pelo nome de capitalismo. Esta proeza é tanto mais admirável quanto é sabido que o Partido Comunista sul-africano tem forte presença na estrutura dirigente e intermédia do ANC, chegando mesmo a deter 16 elementos entre os 50 primeiros candidatos nacionais do Congresso Nacional Africano. Mas, ao que parece, este partido comunista também já elogia as economias de mercado — nunca fiando, no entanto.

Numa notável intervenção na BBC no sábado passado, o líder do ANC Thabo Mbeki explicou com toda a clareza que a primeira prioridade do novo governo será restabelecer a confiança empresarial. O entrevistador insistia em que os negros querem empregos, não entidades abstractas como "confiança empresarial". Sorrindo, num tom didáctico, Mbeki retorquiu que "empregos" quer dizer empresas e "empresas" quer dizer investimento. Logo, se os investidores, nacionais e estrangeiros, não tiverem confiança, não haverá investimento nem empresas, nem empregos.

Se o primeiro governo multirracial da África do Sul seguir estas sábias palavras de Thabo Mbeki, Nelson Mandela e os seus homens candidatam-se seriamente a ficar na história da África negra como os seus verdadeiros libertadores. Não só porque lideraram, juntamente com De Klerk, a transição pacífica do "apartheid" para a democracia, mas também porque terão conseguido preservar uma poderosa economia de mercado e empresa livre.

Esse seria o verdadeiro milagre sul-africano, um exemplo para um continente em que a transição para o poder negro representou apenas mais subdesenvolvimento. Mas o milagre sul-africano ainda não se verificou. Façamos votos para que se verifique. ■

Jornalista preso em Luanda 'por violação'

PÚBLICO, 6 5.94

DETIDO HÁ uma semana em Luanda após um mandado emitido pela DMIC (Direcção Nacional de Investigação Criminal) por suspeita de ter violado uma jovem de 16 anos, o jornalista William Tonet pode incorrer numa pena máxima de oito anos. Na véspera da sua prisão, já o caso assumira uma inusitada publicidade nas antenas da LAC (Luanda Antena Comercial). Em declarações a essa emissora privada, a mãe da rapariga acusou o correspondente da revista "Visão" em Luanda de, aproveitando-se de ligações à família, ter seduzido e desvirginado a jovem Vanusa.

Tonet, que é também presidente da Associação Angolana dos Direitos Humanos, negou que, em alguma circunstância, tivesse mantido qualquer contacto físico com a menor. Diz ele que tudo se circunscreveu a uma boleia até a casa de amigos de Vanusa, tendo permanecido na viatura enquanto esperou por ela. Só depois, conta Tonet, se apercebeu de que o vestido da jovem estava manchado de sangue, julgando tratar-se do período menstrual. O certo é que Vanusa teve que ser soturada com dez pontos na maternidade Lucrécia Paim.

Alegando que pretendiam extorquir-lhe dinheiro, o jornalista, o primeiro a queixar-se à DMIC por difamação, acabou por recusar um acordo de reconciliação proposto pela mãe da jovem. Mesmo assim era tarde demais. Ainda a instrução ia no segundo dos cinco dias que a lei estipula, e já a DMIC decretara a sua prisão preventiva que pode durar até 45 dias, prorrogáveis por igual período. "O exame médico provou que a jovem foi vítima de uma violação recentíssima", disse ao PÚBLICO fonte judicial que acompanha as investigações. Mas isso não impede que, já depois do despacho da legalização da sua detenção assinado pelo procurador do Ministério Público, Tonet seja libertado nos próximos dias. "O crime é caucionável embora ainda falte muito tempo para expirar a prisão preventiva", explicou a fonte. O PÚBLICO ouviu também a advogada constituída pelo jornalista, que não quis ser identificada "por razões de ética profissional", uma vez que não teve acesso ao processo de instrução preparatória, ainda em fase de segredo. "A prisão parece-me ilegal. Não há nexo de causalidade entre o crime e o autor", defendeu a causídica. ■

J. A. dos Santos, em Luanda

Mandela no cimo da montanha

Do nosso enviado
Jorge Heitor,
em Joanesburgo

Com muitos votos ainda por contar, o líder do ANC já tem assegurada a Presidência da África do Sul, que assume no dia 10. A maioria negra celebrava ontem à noite a liberdade. Mas Frederik de Klerk fez questão de sublinhar que o papel do Partido Nacional não está esgotado, que é uma parte integrante do novo sistema e que será um garante da Constituição. Foram discursos de reconciliação: de dois vencedores.

Eram 20h35 quando Nelson Rolihlala Mandela entrou no salão de festas do maior hotel de Joanesburgo, vitoriado como o primeiro Presidente negro da República da África do Sul, 75 anos depois de haver nascido na aldeia de Qunu, no Transkei, onde quando criança guardava gado.

"Mandela percorreu uma longa estrada e encontra-se agora no cimo da montanha. Um viajante sentar-se-ia para admirar a vista, mas o homem de desígnio sabe que para lá deste monte, há outro monte e outro ainda. Esta viagem nunca termina. E enquanto ele contempla a próxima montanha, eu estendo a minha mão a Mandela, em amizade e cooperação" — dissera duas horas e meia antes o Presidente De Klerk, ao reconhecer a esmagadora vitória do ANC nas primeiras eleições multirraciais da África do Sul, que puseram termo a 342 anos de domínio branco.

A História do subcontinente acabara de dar um grande passo e, na festa do ANC, o ambiente era o de uma celebração esfusiante, como se houvessem sido finalmente cumpridos os sonhos que muitos negros tinham desde há longo tempo.

"Meus amigos, posso dizer-vos que estou deliciado com o esmagador apoio ao Congresso Nacional Africano", disse Mandela a abrir o seu discurso, que não foi apenas a celebração da vitória mas também uma mensagem a todos os sul-africanos: "Peço a todos que se juntem a nós [...] Temos de começar a construir sem demora uma melhor vida para todos na África do Sul".

Apesar de engripado, e de proibido pelo médico de falar muito, Mandela não pôde deixar de anunciar que já recebera as felicitações do Presidente De Klerk, do general Viljoen, do líder liberal Zach de Beer e da direcção do PAC. Ausência notada a de qualquer mensagem proveniente do Inkatha, que no cômputo geral das eleições está com um pouco mais de seis por cento dos votos, apresentando-se à frente no Natal.

Aos seus eleitores disse: "Sou o vosso servidor, não venho como líder; e as ideias que expresso são as da Carta da Liberdade. Não são os indivíduos que importam, é a direcção colectiva. Presto tributo a alguns dos grandes líderes que tivemos", citando entre muitos Albert Luthuli, Chris Hani e Oliver Tambo".

Grandeza de De Klerk

Quanto ao Presidente cessante da África do Sul, Frederik Willem de Klerk, 58 anos, disse que um dia o seu partido ainda poderá vir a ser o maior do país e que, pelo menos em teoria, até poderá vir a ganhar as eleições gerais previstas para daqui a cinco anos, em 1999: "Creio que a minha carreira política ainda mal começa".

PÚBLICO, 3.5.94

Num discurso de 15 minutos em que reconheceu, na sede do Partido Nacional ao princípio da noite, que o ANC ganhara as primeiras eleições multirraciais sul-africanas, De Klerk afirmou que haverá de ora avante um país melhor do que aquele onde há quatro anos e três meses anunciara ser tempo de acabar de vez com o apartheid. E prometeu trabalhar durante estes cinco anos em íntima cooperação com o partido maioritário.

Acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof "Pik" Botha, e por outras figuras cimeiras do Partido Nacional, que se encontra no poder desde que ganhou as eleições só para brancos de 1948, o Presidente afirmou que daqui para a frente já não haverá mais o domínio de nenhum grupo sobre os restantes: "Depois de tantos séculos, todos os sul-africanos são finalmente livres".

De Klerk, que o ano passado partilhou o Prémio Nobel da Paz com Nelson Mandela, afirmou que o Partido Nacional e o ANC poderão muito bem trabalhar em conjunto, pois que esse é o grande desafio e é algo de essencial para que a África do Sul funcione.

"Não deixo o Governo, não entrego o poder a nenhum partido em especial, entrego-o ao povo sul-africano", sublinhou o Presidente, que como de costume falou parte em inglês e parte em africaans; e disse que Mandela merece as felicitações de todos os seus compatriotas pela atitude que assumiu nos últimos quatro anos, desde que saiu da cadeia.

"Não negociámos a saída do Governo, negociámos a sua partilha. É só uma questão de mudar de cadeiras. Vai haver uma coligação, que é o que desejamos desde 1989", afirmou um pouco mais tarde à televisão, confirmando a impressão de que o Partido Nacional não sai derrotado destas eleições, mas sim, em certa medida, como um dos vencedores.

Com mais de 23 por cento dos votos conseguidos, o partido de Frederik de Klerk passa a ser uma garantia para brancos, mestiços e indianos de que não deverá haver uma grande discriminação racial numa África do Sul com um Governo maioritariamente negro. E também uma garantia perante os investidores estrangeiros.

Um papel imprescindível

"Tal como não podemos governar a África do Sul sem o ANC e os seus partidários, também ninguém poderá governar a África do Sul sem o apoio das pessoas e as instituições que eu represento", sublinhou o Presidente cessante, que vai ser agora um dos vice-presidentes da República e transferirá alguns ministros do Governo cessante para o que se formará dentro de alguns dias.

A grande curiosidade neste momento em Pretória e Joanesburgo é verificar como é que efectivamente Nelson Mandela irá formar o seu Governo, metendo nele uns 18 ministros saídos das listas do ANC (que incluíram figuras do Partido Comunista e da central sindical Cosatu), uns cinco ou seis do Partido Nacional, um do Inkatha, se este aceitar, e eventualmente o general Constand Viljoen, apesar de a Frente da Liberdade não chegar sequer a ultrapassar três por cento dos votos no todo nacional.

Os analistas políticos têm vindo a admitir que, pelo menos nos primeiros tempos do novo regime, Mandela não poderá deixar de dar algumas pastas importantes aos expoentes do regime cessante, mantendo pelo menos nele, para além de Frederik de Klerk, o actual ministro das Finanças, Derek Keyes, e o ministro do Desenvolvimento Constitucional, Roelf Meyer, que aos 46 anos é uma figura que muito se tem vindo a afirmar ultimamente.

Uma das apostas que actualmente se fazem é a de se saber se o grande equilibrista Roelof "Pik" Botha, que já foi o ministro dos Negócios Estrangeiros nos governos de Balthazar Vorster, Pieter Botha e Frederik de Klerk, terá espaço de manobra suficiente para o continuar a ser sob as ordens de Nelson Mandela, consolidando assim uma façanha que nos últimos 20 anos só viu algo de comparável no alemão Hans-Dietrich Genscher. Mas é provável que o ANC deseje nos Estrangeiros uma cara negra para simbolizar a mudança.

Continua na pág. 9

Entrevista com o porta-voz do ANC

Seremos generosos

PÚBLICO, 2.5.94

NEIL COLEMAN, de 37 anos, sindicalista e porta-voz nacional do ANC, disse ontem ao PÚBLICO, em Joanesburgo, que a Comissão Eleitoral Independente terá de investigar as anormalidades que se verificaram no Norte da província do Kwazulu/Natal, onde teriam funcionado uma série de assembleias de voto "piratas".

Segundo este militante branco do Congresso de Sindicatos Sul-Africanos (Cosatu), o ANC será generoso para com as forças minoritárias, mas como ganhou deve governar e aplicar o seu programa. Sabe que as expectativas são altas, mas as que "não se concretizarem num ou dois anos, concretizam-se em dez". Recusa o federalismo, mas encara discutir a hipótese dum Volkstaat branco.

PÚBLICO — O que é que estas eleições revelaram?

NEIL COLEMAN — Demonstraram que o ANC tem o apoio de pelo menos 60 por cento do eleitorado e que este apoio se verifica de uma forma geral por todo o país e em todos os grupos raciais.

P. — Mas no Kwazulu/Natal o Inkatha está à frente.

R. — Pode acabar por não ter a maioria provincial e a nível nacional pouco representa, não devemos sobrevalorizar a sua importância.

P. — Acha que a Frente da Liberdade, do general Viljoen, poderá ser convidada para o Governo de Unidade Nacional, mesmo que não atinja os cinco por cento previstos pela Constituição para se participar no Executivo

R. — A Frente da Liberdade é uma coisa diferente do Inkatha (porventura mais significativa) e o ANC continuará a sua tradição de generosidade. Mas é bom que não se exerça demasiada pressão sobre o nosso movimento, no sentido de limitar a extensão da sua vitória. Ganhou e deve governar, de modo a poder aplicar o seu programa; de forma consensual, se for possível.

P. — Receia que haja violência, depois de conhecidos todos os resultados?

R. — Há já violência há muitos anos e alguns dos que a provocam têm ligações com as forças de segurança. Não se pode excluir que volte a haver violência, mas as eleições revelaram que a grande maioria do nosso povo é pacífica.

P. — Receia outros grupos, para alem do AWB?

R. — O AWB é um grupúsculo que fala muito mas que não poderá alterar a situação na África do Sul. Há generais na Força de Defesa e na Polícia que poderão não estar satisfeitos com a mudança, mas essas forças vão ser reestruturadas e estamos em crer que a maioria dos seus elementos aceitará servir o Governo.

P. — Será fácil o ANC e o Partido Nacional trabalharem juntos na nova Administração?

R. — Não vamos subestimar as dificuldades, pois que pessoas de um dos partidos mataram e torturaram militantes do outro. Mas nos últimos tempos foi possível uma acomodação. Compreendem-se um ao outro, mesmo quando não estão de acordo. E o Partido Nacional já teve de abandonar algumas das suas reivindicações iniciais, como uma Presidência rotativa e um poder de veto para as minorias.

P. — Receia que os trabalhadores voltem para a rua a manifestar-se, que haja reivindicações?

R. — Recearia se tudo ficasse muito calmo, muito tranquilo, sem ninguém defender os seus interesses. Não vamos substituir uma forma de controlo total do país por outra. A Cosatu continuará activa e a levar por diante o seu programa.

P. — Pretória vai mudar de nome, será acaso Mamelodi, como alguns pretendem?

R. — É um assunto a ver.

P. — Teremos uma mediação internacional depois de todos os resultados conhecidos?

R. — Está previsto isso, mas essa mediação nunca virá alterar os princípios que temos na Constituição. As regiões podem ser algo de bom, mas não vamos de forma alguma para o federalismo. Veremos, isso sim, como é que se há-de encarar a pretensão de um Volkstaat.

P. — Pode-me indicar já os nomes de alguns ministros?

R. — A decisão cabe ao Presidente Mandela e deverá ser tomada durante os próximos dias.

P. — Está optimista quanto ao futuro próximo da África do Sul?

R. — Bastante optimista, pois o nosso povo é muito consciente, muito politizado, e sabe que se as suas expectativas não se concretizarem num ou dois anos concretizam-se em dez.

P. — Nos círculos da direita afirma-se que o país irá por água abaixo, pois que os negros serão incapazes de governar.

R. — Não respondo a argumentos racistas. Mas tal como combateu o domínio branco, o ANC também combaterá o domínio negro. Somos um partido para cidadãos de todas as cores. ■

Jorge Heitor, em Joanesburgo

Continuação da pág. 8

Mandela no cimo da montanha

Ainda faltam votos

Entretanto, às 20 horas de ontem ainda havia alguns milhões de votos por contar, sabendo-se que a tarefa não terminaria antes da manhã de hoje, pelo que o ANC atrasara um pouco a sua festa da vitória, num dos andares do Carlton Hotel, dois pisos abaixo daquele onde tem vindo a dar conferências de imprensa diárias e muitas centenas de entrevistas, para mais de dois mil jornalistas vindos de todo o mundo.

Aparentemente, ainda estava com uma vaga esperança de conseguir a mágica marca de 66 por cento, os dois terços que lhe dariam direito a alterar Constituição que foi negociada com o Partido Nacional e a fazer praticamente o que muito bem entendesse, sem se preocupar com qualquer espécie de oposição, dentro ou fora do Executivo.

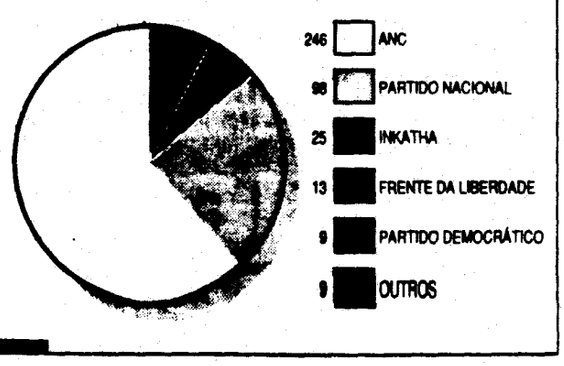
E por isso mesmo é que De Klerk teve o cuidado de acentuar que ficará no Governo como guardião da Constituição e de tudo aquilo que foi morosamente negociado ao longo dos últimos anos. Mas no seu discurso Mandela teve o cuidado de acentuar que o Executivo será o mais abrangente possível e que estende a mão aos dirigentes de todos os grupos políticos, para que haja paz e se mantenha o bom clima prevalecente durante as eleições. ■

RESULTADOS ELEITORAIS AS 20H00 DE ONTEM

Partidos	Votos	Percentagens
Congresso Nacional Africano (ANC)	6.018.611	62,5
Partido Nacional	2.289.847	23,8
Inkatha	596.994	6,2
Frente da Liberdade	277.543	2,9
Partido Democrático	184.531	1,9
Congresso Pan-Africano (PAC)	125.208	1,3
Partido Democrata Cristão	49.259	0,5
Partido do Congresso Moderado	24.404	0,3
Partido Muçulmano	16.471	0,2
Partido Federal	10.013	0,1
Partido Dikwankwetla	9.599	0,1
SOCCER	5.793	0,1
Frente Minoritária	5.250	0,1
Movimento Democrático	4.160	0,0
Partido Paz e Direitos da Mulher	3.616	0,0
KISS	3.468	0,0
Partido Progressista Ximoko	3.231	0,0
Partido da Lista dos Trabalhadores	2.764	0,0
Partido Luso-Sul-Africano (Lusap)	1.733	0,0
Total votos	9.789.119	
Votos válidos	9.632.495	
Votos rejeitados	156.624	

PROJECÇÃO DE LUGARES NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Projecção da Televisão Sul-africana às 18h00 de ontem com 9 milhões de votos contados



Dirigentes brancos pedem desculpa na televisão

A revolução Benetton

PÚBLICO, 3 5.94

Do nosso enviado
José Eduardo Agualusa,
na Cidade do Cabo

O avião rompe as nuvens e a cidade surge: Joanesburgo. O que se vê, porém, não são as cinturas de miséria, os imensos bairros de lata para onde o regime do "apartheid" empurrou a população negra. A primeira imagem é a de uma cidade de largas vivendas e piscinas, dormindo tranquila numa manhã de domingo.

Voando para ocidente, em direcção à Cidade do Cabo, também é difícil reconhecer sinais de miséria. À medida que as zonas residenciais desaparecem, surgem campos cultivados, formando quadrados, trapézios, círculos perfeitos. Até onde a vista alcança repetem-se os mesmos desenhos geométricos. A savana aparece mais tarde, uma imensa planície luminosa, riscada de quando em vez por um rio escuro. Duas horas depois a paisagem volta a mudar. A terra ergue-se em súbitos morros, altos e agudos, ao mesmo tempo que reaparecem os campos cultivados. A impressão de que não saímos da Europa é mais forte em terra. Faz frio. O táxi atravessa uma cidade vazia, de ruas impecavelmente limpas, traçadas a compasso. A maioria dos habitantes da Cidade do Cabo ficou em casa, seguindo através da televisão os debates sobre o fim do "apartheid" e as primeiras eleições abertas a toda a população sul-africana.

Numa rua, um cartaz da Benetton mostra um atleta branco passando o testemunho a um negro. Símbolo da revolução em curso neste país? É mais do que isso. Dir-se-ia que a revolução copia a Benetton. No Canal Um da televisão uma excelente equipa alterna reportagens no exterior com entrevistas em estúdio. Os repórteres são todos jovens e bonitos: brancos, negros, mestiços, indianos e malaios. Entrevistadas nas ruas de Durban, de Pretória ou do Soweto, a maioria das pessoas não foge ao espírito da época. "Não interessa o vencedor", dizem. "O importante é que as eleições tragam a paz e um futuro melhor."

O sr. De Klerk surpreendeu-me

Poucos parecem preocupados com a lentidão com que os resultados eleitorais estão a ser divulgados, ou com os esporádicos episódios de violência que têm vindo a ocorrer, sobretudo no Kwazulu-Natal. A criação de um Estado reservado aos brancos de língua inglesa — à imagem do Volkstaat reivindicado pela extrema direita boer — provoca comentários de troça. Numa estação de rádio é possível ouvir um anúncio particularmente sarcástico: "Quer viver num lugar remoto, longe dos problemas do mundo moderno e da democracia? Esse lugar existe. Compre já uma vivenda no nosso Volkstaat." O locutor, imitando o áspero sotaque boer, enumera a seguir as vantagens do empreendimento: "No nosso Volkstaat não precisa de se preocupar com a educação dos seus filhos. Nas nossas escolas continuamos em 1948. Telefone já. Assegure hoje um passado melhor."

Falando num dos mais populares programas da televisão sul-africana, "The Top Level Show", o actual ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, pede perdão aos negros pelos quarenta anos de discriminação racial. Já o fizera antes. "Há mais de vinte anos que faço declarações públicas contra o 'apartheid'", diz. Lembra que foi o primeiro membro do Governo a aceitar a ideia de que a África do Sul poderia vir a ter, um dia, um presidente negro.

Sentado ao seu lado, Peter Koohornof, ex-dirigente do Partido Nacional, bate no peito: "Peço às nossas irmãs e irmãos negros que nos desculpem." A exuberante moderadora, Felicia Mabuze-Suttle, passa a palavra a Adelaide Tambo, viúva de Oliver Tambo. "É possível perdoá-los?", pergunta. Adelaide recorda que os judeus também perdoaram o povo alemão: "Perdoamos, mas não esquecemos."

Donald Woods — produtor de "Cry Freedom" ("Grita Liberdade"), um filme sobre a vida e a morte de Steve Biko, o fundador do Movimento da Consciência Negra, cujas ideias foram recuperadas pelo actual Congresso Pan-Africano, PAC — chama a atenção para a grandeza moral de Nelson Mandela, sem o qual talvez a África do Sul tivesse caído numa violenta guerra racial. Mas não esquece William de Klerk: "O senhor De Klerk surpreendeu-me. E estou aqui para lhe tirar o chapéu." Pik Botha tem direito à última intervenção: "Temos um grande país e um grande povo. Só posso desejar uma próspera África do Sul correndo em direcção ao futuro." O programa termina com música. O refrão, "o paraíso é aqui", é entoado em coro. ■

O ANC ganhou, toca a trabalhar

PÚBLICO, 3.5.94

"AGORA JÁ se votou, já se sabe mais ou menos o resultado, há é que trabalhar", diz Susie, uma sul-africana de meia idade a quem tínhamos manifestado estranheza pela extraordinária normalidade da vida em Joanesburgo, no início de mais uma semana de serviço para aqueles que o têm; e isto numa altura em que ainda não era conhecida a totalidade dos resultados.

Só os jornalistas, nacionais e estrangeiros, é que pareciam mais curiosos com o apuramento do arrastado escrutínio, pois que a grande maioria da população da grande metrópole não dava qualquer indício de que tivesse acabado de participar numa eleição histórica.

"Isto já estava decidido desde há muitos meses, eles já tinham combinado tudo, o De Klerk e o Mandela", comentou um natural de Faro há 29 anos a viver em Joanesburgo, onde é um dos 54 taxistas portugueses ao serviço da empresa Rose, a mais conceituada companhia de carros de aluguer da cidade.

"Tinha de ser, para acabar com o falatório que ia pelo mundo fora. O Mandela fica na Presidência, mas o De Klerk continua lá e as coisas não vão ser muito diferentes", acrescentou aquele membro da importante comunidade portuguesa da zona do Witwatersrand, que se desenvolve em redor de Joanesburgo, Roodepoort e Germiston.

Há poucos meses, os Rose Taxis, que são mais de 200, um quarto dos quais portugueses, admitiram os primeiros quatro motoristas negros, só para que não se dissesse que era uma empresa racista; mas não tencionam contratar muitos mais.

Ontem, primeiro dia de trabalho após o início da divulgação dos resultados do acto eleitoral, ninguém andava na rua de rádio no ouvido, à espera de saber as últimas sobre o escrutínio. Nos estabelecimentos comerciais e nas vendas feitas no passeio (batatas, tomates, bananas, jornais, etc), tudo assumia o tom mais natural do mundo, como se para a maioria da população até agora sem direitos cívicos a lógica fosse: "Votámos, já sabemos que Mandela vai ser agora o Presidente, pronto, toca a trabalhar".

Já não há rolos de arame farpado nos quarteirões do centro de Joanesburgo, como há dias havia, nem assinalável presença militar. Os polícias que se notam são normalmente negros, magros e de aspecto pouco assustador, quase encolhidos.

As bombas de há pouco mais de oito dias parecem já uma recordação distante; e muita gente pensa que de ora em diante, com um Governo saído das urnas, a vida irá ser mais fácil na África do Sul, vindo capital estrangeiro para investir num país que durante a última dúzia de anos bastante sofreu com as sanções internacionais.

O "boom" económico a que se estava a assistir de 1960 a 1980, quando muitos milhares de portugueses aqui se radicaram, poderá ser agora retomado, segundo as previsões dos optimistas, voltando Joanesburgo a construir uma série daqueles arranha-céus que a tornaram famosa, como as Carlton Towers, de 50 andares, ou o Carlton Hotel, de 30, onde o ANC ontem ultimava a grande festa da vitória, à americana. ■ J.H.

Ainda antes de terminada a contagem dos votos na África do Sul

Prepara-se novo Governo

PÚBLICO, 4.5.94

Do nosso enviado
Jorge Heitor,
em Joanesburgo

A contagem dos votos das eleições gerais sul-africanas da semana passada ainda não acabara ao princípio da noite de ontem, mas já todas as atenções se concentravam na composição que virá a ter o Governo de unidade nacional a anunciar na próxima semana, bem como nos preparativos para a tomada de posse de Mandela, no dia 10, depois de ser formalmente eleito na véspera.

Ontem à noite ainda não se conhecia o resultado final das eleições gerais sul-africanas, efectuadas de 26 a 29 de Abril, mas o presidente De Klerk e o homem que lhe sucede na próxima semana já estiveram reunidos para tratar da passagem do testemunho e da formação de um governo de unidade nacional, a vigorar até 1999.

De Klerk e Mandela reuniram-se durante cerca de cinco horas, em Pretória, naquilo que um porta-voz descreveu como um encontro em atmosfera "muito quente, amigável e construtiva".

Segundo as indicações existentes até agora, o Congresso Nacional Africano (ANC) fica com mais de 62 por cento dos lugares, numa Assembleia de 400, o Partido Nacional sensivelmente com 22 e o Inkatha com oito, sendo estes três grupos os únicos com direito a representação no executivo. Mas o futuro Presidente, a eleger formalmente pelos deputados e pelos senadores na próxima sexta-feira, já deu a entender que poderá ser suficientemente generoso e estender a mão mesmo a outras forças.

A votação conseguida pelo ANC foi praticamente a que alguns observadores vinham a admitir nos últimos meses, a do Partido Nacional um tanto ou quanto superior ao que se vaticinara e a do Inkatha também ligeiramente acima do que há pouco se pensava, sobretudo tendo em conta que o partido de Mangosuthu Buthelezi só quase à última hora aceitou participar no acto eleitoral.

De um modo geral, pode-se dizer que não houve grandes surpresas, pois as três listas mais votadas foram as previstas e nos três lugares imediatos também se colocaram aqueles que se esperava: Frente da Liberdade, Partido Democrático e Congresso Pan-Africano (PAC), respectivamente com votações de 2,7, 1,7 e 1,3 por cento. Na sétima posição, o Partido Democrata Cristão Africano ficou-se por 0,5 por cento, o que lhe poderá dar direito a um ou dois deputados. Mas só hoje é que o juiz Johan Kriegler, presidente da Comissão Eleitoral Independente, irá dizer se as eleições foram na verdade "substancialmente livres e justas".

Entretanto, a primeira sessão do novo Parlamento, para eleição formal do Presidente da República, já não vai ser na sexta-feira dia 6, conforme estava previsto, mas apenas na segunda-feira, dia 9, véspera da anunciada tomada de posse de Mandela, a que comparecerão numerosos chefes de Estado e de Governo, incluindo os de Portugal e de Angola.

Quatro centenas de novos deputados, na sua maioria negros, são esperados a partir de amanhã na Cidade do Cabo, para a sessão de um dia, convocada expressamente para confirmar Mandela como Presidente.

O secretário do parlamento, Robin Douglas, disse que o programa de sexta-feira, incluindo um discurso à Nação, de Mandela, na Grand Parade da Cidade do Cabo, será transferido, intacto, para segunda-feira.

Buthelezi conciliador

Uma das surpresas de ontem à tarde foi Mangosuthu Buthelezi ter dito que será mais fácil trabalhar com o ANC do que com o Partido Nacional. Ou seja, que, afinal, sempre poderá vir a aceitar um lugar no Governo de unidade nacional, depois de, na semana passada, haver dito o contrário. E esclareceu que, na véspera à tarde, telefonara ao líder da formação vencedora, a felicitá-lo, apesar de o futuro Presidente não ter mencionado essa mensagem entre as que recebera. "Esquecimento" porventura significativo das más relações que desde há muito existem entre as duas partes e que já causaram milhares de mortos.

Sobre a possibilidade de vir a integrar pessoalmente o futuro governo de unidade nacional, Buthelezi respondeu: "Não decido as coisas sozinho", acrescentando que, para isso, teria de ser sancionado pelo comité central do Inkatha.

Interrogado sobre o futuro que via para si na nova África do Sul, o líder zulu referiu: "Quando chegar a essa ponte, atravesso-a. Gostaria de me sentar com os meus colegas e ver como enfrentar esse futuro."

Mandela terá como vice-Presidentes um dos seus principais colaboradores, Thabo Mbeki ou Ciryl Ramaphosa, e Frederik de Klerk, sendo o elenco governamental constituído por uma maioria de ministros saídos das listas do ANC, uns cinco do Partido Nacional, um do Inkatha e eventualmente mais alguns de outras forças políticas, como gesto extraordinário de boa vontade.

Da parte do ANC são ministeriáveis, além dos dois candidatos à vice-presidência, o presidente do Partido Comunista, Joe Slovo, natural da Lituânia, o intelectual da esquerda não comunista Pallo Jordan, os indianos Jay Naidoo e Ahmed Kathrada, o comunista branco Ronnie Kasrils e Albertina Sisulu, mulher do vice-presidente do Congresso Nacional Africano, Walter Sisulu.

Pelo Partido Nacional, além da certeza de uma vice-presidência para De Klerk, surgem as candidaturas de Roelf Meyer, Leon Wessels, Kobie Coetsee, Dawie de Villiers, Derek Keyes e Roelof "Pik" Botha, mas seria para o regime cessante pedir de mais que todos eles passassem para o novo executivo.

Uma das grandes jogadas que Mandela já deu vagamente a entender que poderia fazer seria o convite ao líder da Frente da Liberdade, general Constand Viljoen, antigo chefe do Estado-Maior General dos tempos do "apartheid", para ser o ministro da Defesa da nova África do Sul.

Do outro lado do espectro político, para contrabalançar, convidaria entretanto o líder do PAC, Clarence Makwetu, e até mesmo um representante da Azapo, organização da extrema-esquerda que não aceitou ir às urnas e que provavelmente também não iria agora aceitar nenhum lugar no Governo.

No entanto, mesmo que acabe por não os fazer, só ao levantar a simples hipótese de tais convites, Mandela já está a fortalecer a sua imagem de homem moderado e generoso, em quem o grande capital poderá confiar.

Entretanto, e apesar de ontem à noite ainda estarem por contar perto de um terço dos votos, confirma-se a tendência inicial para que o ANC fique com o controlo de sete das nove províncias da África do Sul, o Partido Nacional com a maioria no Cabo Ocidental e o Inkatha com a supremacia no Kwazulu-Natal. ■

ELEIÇÕES NA GUINÉ-BISSAU – A Comissão Nacional de Eleições propôs ao Presidente Nino Vieira que a realização das eleições gerais na Guiné-Bissau se efectue numa data entre 26 de Junho e 10 de Julho. Entretanto, João da Costa, líder do Partido para a Renovação e Desenvolvimento, anunciou ontem que não se apresentará como candidato às presidenciais da Guiné-Bissau. Doze partidos da oposição concorrentes à próximas eleições gerais vão assinar hoje um acordo de coligação com vista ao sufrágio. Fontes citadas pela Lusa referem Bubacar Djalo, presidente do Fórum Democrático, espaço de concertação política da oposição, como o provável candidato da aliança oposicionista contra o Presidente Nino Vieira. PÚBLICO, 6.5.94

A importância da raça numa África do Sul não racial

PÚBLICO, 4.5.94

A artista negra que era um branco rico

Do nosso enviado
José Eduardo Agualusa
na Cidade do Cabo

A nova África do Sul, "não racial e não sexista", ainda não sabe muito bem como se comportar. Desde há cerca de dois anos, quando se tornou evidente que o "apartheid" ia acabar, que brancos e negros se tentam adaptar aos novos tempos. Esta é a história exemplar de Joyce Ntobe, uma artista negra e pobre, que era afinal um branco rico.

Uma das xilogravuras da "pobre negra"

Em meados de 1992, a South African National Gallery organizou na Cidade do Cabo uma grande exposição de arte moderna sul-africana. Entre as centenas de trabalhos recebidos, os responsáveis pela exposição seleccionaram três xilogravuras de uma mulher negra, Joyce Ntobe, empregada doméstica, a residir num dos subúrbios da Cidade do Cabo. Eram desenhos muito simples, ao estilo dos que se vendem nas ruas das principais cidades sul-africanas: o primeiro, "Go Home", mostrava uma mulher indo para casa de táxi, o segundo, "Kukzapa", uma mulher a trabalhar, com o filho às costas, e o terceiro, "Go to Sleep", uma família de quatro pessoas deitadas na mesma cama. Os três trabalhos foram comprados pela National Gallery, que pouco depois os incluiu numa outra mostra, "How Black People Leave in South Africa", que pretendia ilustrar a forma como a população negra vive na África do Sul. Os trabalhos foram recebidos com grande entusiasmo pela crítica, e o nome de Joyce Ntobe começou a circular com insistência no fechado meio artístico sul-africano.

Seis meses depois da primeira exposição, oitenta jornais sul-africanos recebiam um fax anunciando que Joyce Ntobe, afinal, não existia. Ou melhor, existia, mas não era nem negra, nem mulher, nem pobre, mas simples criação de William James Sebastian Bailey, aliás Beezy Bailey, um artista plástico de 31 anos, nascido em Joanesburgo numa família da alta burguesia branca. Bailey tinha enviado para a exposição da National Gallery uma série de trabalhos, todos rejeitados por não serem "suficientemente africanos".

Aborrecido, Bailey inventou Ntobe: "Eu quis mostrar", diz, "que se estava a criar na África do Sul um racismo ao contrário, alimentado por um grupo de oportunistas brancos."

Nos dias que se seguiram à divulgação da fraude os jornais publicaram dezenas de cartas de leitores indignados com o artista: "As pessoas diziam que me odiavam, que eu era racista e sexista e blá, blá, blá. Mas acho que consegui finalmente afirmar o meu ponto de vista. Continuei a trabalhar segundo o estilo de Joyce. Mostrando a vida de Joyce — a cozinhar, a lavar a roupa ou levando o cão a passear. Com esses trabalhos todos fiz uma exposição chamada 'Sonhei que Andava pelas Ruas Usando Incríveis Saltos Altos'. Ainda fiz duas outras exposições com trabalhos meus e de Joyce. As pessoas entravam e gostavam principalmente dos trabalhos daquela artista negra" (risos).

Bailey construiu um estúdio nos jardins da sua casa, uma enorme vivenda numa das encostas da Montanha da Mesa, com uma vista deslumbrante sobre o mar. Divide o espaço com um sem número de gatos siameses e cinco galgos ansiosos, que o seguem por toda a parte. Na sua obra — esculturas em madeira, colagens, óleos ou aguarelas — percebe-se uma clara componente africana, uma alegria e uma ironia que não são comuns na arte branca da África do Sul: "O sentido de humor é muito importante para mim", explica Bailey, "não acredito na arte como uma coisa aborrecida. Tudo que é mágico e colorido me atrai". Rejeita, porém, que o sincretismo cultural evidente no seu trabalho tenha ligação com o facto de viver numa cidade maioritariamente habitada por mestiços: "Os mestiços", diz, "são o testemunho vivo do absurdo do 'apartheid".

O "apartheid" separou artificialmente famílias inteiras. Eles punham um lápis no cabelo das pessoas, se o lápis caía a pessoa era considerada branca, se não caía, então era mestiça. Podiam ser irmãos, mas um era considerado mestiço e o outro era branco e tinham de viver separados". Como consequência disto, embora a cidade do Cabo abrigue uma das maiores comunidades de mestiços do mundo, a maior de África, são hoje raras as manifestações culturais que a caracterizem: "O Distrito Seis, o coração cultural e histórico da cidade, foi inteiramente removido pelo regime do 'apartheid'. Eles consideraram que aquela devia ser uma zona só para brancos e simplesmente destruíram tudo. Apesar disso, o que é que aconteceu agora, nestas eleições? Os mestiços votaram no Partido Nacional, o mesmo partido que os destruiu. Votaram no Partido Nacional porque têm medo dos negros."

Beezy Bailey, pelo contrário, não sente medo: "Estou muito entusiasmado porque o que se está a passar é a realização de um velho sonho. Estou neste momento a trabalhar um quadro que tenta descrever aquilo que sinto: 'Os Anjos Descem à Terra'. Penso que Mandela é um Deus enviado aos homens. Ele é extraordinário, está acima de qualquer político. Não é apenas um super-herói naquilo que simboliza, mas também enquanto indivíduo. Nós estamos sentados à beira de uma falésia e sabemos disso. Podemos ter aqui uma outra Angola. Mas a verdade é que apenas há alguns anos atrás éramos, em termos políticos, um dos países mais atrasados do mundo e hoje estamos na linha da frente." ■

Antigo Presidente zambiano Kenneth Kaunda ao PÚBLICO

Angola precisa de governo de unidade nacional

PÚBLICO, 4.5.94

UM DOS líderes históricos das primeiras décadas da África independente, o zambiano Kenneth Kaunda, que esteve no poder de 1964 a 1991, disse ontem ao PÚBLICO, em Joanesburgo, que o presidente Mandela vai decerto dar um importante contributo para que se consiga a paz em Angola. Tal como também anteviu um mercado económico de 300 milhões de habitantes, da Somália ao Cabo, tendo a África do Sul como motor.

O antigo presidente Kaunda crê que a tomada de posse de Nelson Mandela como chefe de Estado da África do Sul, à frente de um governo de unidade nacional, vai ajudar não só a resolver os problemas de Angola e de Moçambique, como também a criar um enorme espaço económico desde o Corno de África ao cabo da Boa Esperança, com os sul-africanos no comando.

PÚBLICO — Como vai o "velho leão" da África Austral?

KENNETH KAUNDA — Vai bem, apesar dos seus 70 anos. Deixei a política. Dirijo a Fundação Kaunda, de que um dos ramos é o Instituto Kenneth Kaunda para a Paz e a Democracia.

P. — Como está agora a Zâmbia, três anos depois de haver sido derrotado nas urnas por Frank Chiluba?

R. — Gostaria de dizer que está bem, mas não está. Os países doadores disseram ao Presidente que tem de se livrar dos bares da droga e dos ministros corruptos.

P. — Teria havido, para alguns zambianos, uma certa desilusão, após o triunfo do multipartidarismo?

R. — Creio que sim. Milhares de pessoas perderam o emprego, os agricultores não recebem a tempo o pagamento dos seus produtos, a má nutrição das crianças mais do que duplicou, o índice de criminalidade subiu imenso.

P. — O seu partido, o velho UNIP (Partido Unificado da Independência Nacional), terá alguma hipótese de voltar ao poder nas eleições de 1996?

R. — Depende da maneira como se conseguir organizar. Tem uma hipótese, mas há que trabalhar no duro.

Kenneth Kaunda

P. — Falando agora da África do Sul, como vê os resultados das eleições?

R. — É um milagre. Nada menos do que um milagre. Depois de tanto sangue, depois de se andarem a matar uns aos outros, conseguiu-se efectuar eleições relativamente livres e justas. Peço a Deus que a paz e a estabilidade tenham vindo para ficar, pois isso será muito importante para a África oriental, central e austral.

P. — Está desde já a admitir um grande bloco económico desde o Corno de África até ao cabo da Boa Esperança?

R. — A África do Sul é a âncora para o desenvolvimento de todo o território que começa na Somália e vem por aí abaixo. Quando a PTA e a SADC se juntarem, teremos um mercado de 300 milhões de pessoas, em que será possível desenvolver alguma da electricidade mais barata do Mundo. Com a África do Sul livre e estável, teremos uma base para o desenvolvimento de vastas regiões.

P. — Acha que a nova situação na África do Sul também irá influenciar os desenvolvimentos políticos em Angola e Moçambique?

R. — Sem qualquer dúvida. Creio que o Governo de unidade nacional será ouvido pelas duas partes do conflito angolano. O exemplo sul-africano não poderá deixar de ser seguido em Angola. E em Moçambique já está a ser.

P. — Quem lhe parece mais razoável, o Governo angolano ou Savimbi?

R. — Pedimos ao nosso colega e irmão dr. Savimbi que ajude a formar um governo de unidade nacional. É muito importante que isto aconteça, que trabalhem juntos. Não odiamos nenhum deles. E creio que o presidente Mandela vai dar uma ajuda.

P. — Como comenta tantos problemas que tem havido na África independente?

R. — Nenhum continente sofreu semelhantes condições de esclavagismo. E, depois disso, veio a Conferência de Berlim, de 1884 a 1985, que destruiu as infra-estruturas africanas. Dividiu os lundas por Angola, Zaire e Zâmbia, deixando eles de funcionar em conjunto como nação; os angonis pela Tanzânia, Malawi, Zâmbia e Moçambique; e assim por diante. Os britânicos não nos ensinaram democracia na Zâmbia, tal como os portugueses não ensinaram democracia em Angola, nem os belgas no Zaire, no Ruanda e no Burundi. Até mesmo os negros norte-americanos, que se tornaram independentes na Libéria, se comportaram, infelizmente, como colonialistas. Depois veio o conflito entre o Leste e o Ocidente. Quando eu ia a Moscovo, o Ocidente dizia que estava feito com os comunistas; quando ia a Washington, o Leste considerava-me ao serviço do capitalismo. Necessitamos de ajuda, sim, mas também de uma melhor ordem económica. A Bíblia e o Corão dizem que não se deve cobrar juros.

P. — Diz que há muita coisa junta contra a África.

R. — Sim, há o proteccionismo do mundo ocidental e tudo o mais. Mas muitos de nós também somos muito corruptos.

P. — Costuma-se dar como exemplo Mobutu.

R. — Não sei! (risos)

P. — Julga que se poderá voltar atrás e recriar os reinos africanos de outrora, anteriores à Conferência de Berlim?

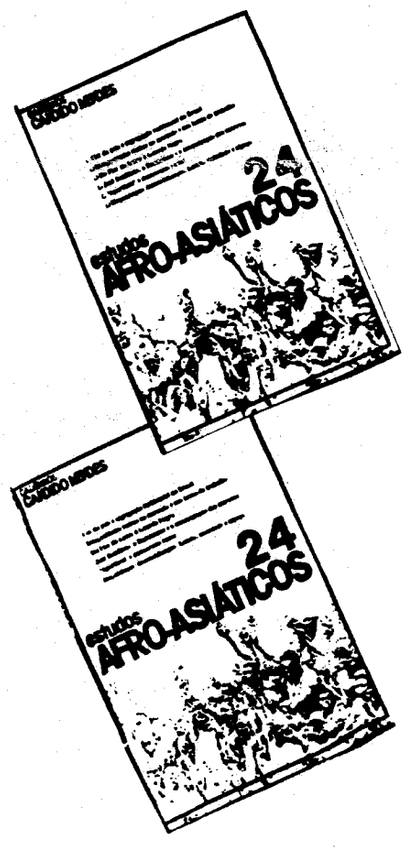
R. — Seria um jogo muito perigoso, seria talvez pior a emenda do que o soneto. O que é preciso é unir a África e conseguir o desenvolvimento económico, mas, depois disso, as fronteiras poderão vir a ser redesenhados e novos Estados criados, por meio de negociações — nunca pela força. ■

Do nosso enviado Jorge Heitor, em Joanesburgo

Afluência de 115 por cento

NO ESTADO Livre de Orange, uma das nove províncias sul-africanas, a afluência às urnas foi de 115 por cento; e isto não porque tenha havido fraude, mas porque as estatísticas do país andavam muito por baixo e apareceram ali a votar mais 200 mil pessoas do que o previsto. Fazer eleições sem recenseamento gerou um pandemónio de todo o tamanho, com escassez de assembleias de voto, de fiscais, de urnas, de boletins e de outras coisas; de tal modo que na segunda-feira de manhã ainda estava por conhecer a maior parte dos resultados, fazendo lembrar as presidenciais filipinas em que Fidel Ramos foi eleito ao fim de mais de 15 dias de escrutínio. "Mas donde é que veio esta gente toda", perguntava uma dona de casa de um subúrbio branco, ao ver centenas e centenas de pessoas durante horas à espera da sua vez de ter direito à escolha. E a atitude da Comissão Eleitoral Independente foi parecida, vindo agora dizer que nunca imaginava que houvesse tantos sul-africanos; se calhar mais dois ou três milhões do que estava nos livros, que durante as últimas décadas foram aqui feitos por pessoas às quais até parecia mal que houvesse tanto negro. ■ **J.H.**

PÚBLICO, 3.5.94



Vice-ministra da Justiça em entrevista ao PÚBLICO

O Partido Nacional é o único multirracial

Do nosso enviado
Jorge Heitor
em Joanesburgo

Sheila Camerer, vice-ministra da Justiça e dirigente do Partido Nacional na região de Pretória-Joanesburgo, considera que a formação política dirigida por De Klerk é a única susceptível de atrair votos de todos os quadrantes, aposta no desenvolvimento de uma classe média negra e espera que dentro de cinco anos os antigos sustentáculos do "apartheid" atraiam muito mais de um quarto do eleitorado.

Dois dias depois de o Presidente Frederik de Klerk ter esclarecido que não ia de forma alguma deixar o poder, mas sim compartilhá-lo com o ANC, um dos membros do Governo cessante defendeu perante o PÚBLICO a ideia que o Partido Nacional é o único susceptível de se expandir entre os diversos grupos étnicos e de vir a atingir um papel muito mais preponderante aquando das próximas eleições.

A advogada Sheila Camerer, vice-ministra da Justiça, que nos recebeu na sua vasta residência de Westcliff, com jardins e piscina, nos subúrbios de Joanesburgo, criticou fortemente a Comissão Eleitoral Independente e destacou o facto de que o grosso do voto português teria ido para o Partido Nacional, havendo sido quase ignorado o Partido Luso-Sul-Africano.

PÚBLICO — Como é que decorreram as eleições?

SHEILA CAMERER — Muito bem, de uma forma geral, com pequenos incidentes. Toda a gente andou bem disposta e a atmosfera foi positiva. Mas as estruturas da Comissão Eleitoral Independente foram-se abaixo e assistiu-se ao caos total, na fase da contagem dos votos.

P. — Parece que o juiz Kriegler, não se saiu muito bem da sua tarefa.

R. — A parte administrativa foi um desastre total. Os partidos revoltaram-se e queixaram-se de falta de cooperação da Comissão, que foi arrogante e incapaz. Não quiseram recorrer aos especialistas que os poderiam ter ajudado.

P. — Não receia que este grande atraso na contagem venha a causar problemas, muito em especial no Kwazulu-Natal?

R. — Espero que ainda acabem a sua tarefa a tempo de as legislaturas provinciais se poderem reunir no fim da semana. O Presidente da República tem feito pressão para que as coisas se resolvam.

A aposta na classe média

P. — Como comenta os resultados até agora obtidos, que são cerca de dois terços do total?

R. — Esperávamos um pouco melhor, mas mesmo assim ainda poderemos ficar na ordem dos 25 por cento. Somos o único partido verdadeiramente plurirracial, que apanhou o grosso dos votos brancos, indianos e mestiços, talvez dois terços do eleitorado negro nas zonas rurais, mas mais do que isso nas zonas residenciais brancas, onde os empregados negros votaram por nós. Fizemos inclusive uma grande campanha junto da comunidade portuguesa e recolhemos o grosso do seu voto, deixando o LUSAP com uns escassos milhares.

P. — Vão conseguir trabalhar em conjunto com o ANC e com mais algumas forças políticas que porventura fiquem representadas no Governo?

R. — Tencionamos trabalhar todos juntos, pois os brancos são muito importantes no desenvolvimento do país. E nas próximas eleições, em 1999, deveremos ficar muito acima dos 25 por cento, para o que contamos inclusive com uma emergente classe média negra que votará em nós.

P. — Julga que não ficarão apenas com alguns lugares secundários no Governo de Unidade Nacional?

R. — Está em curso uma negociação muito dura, para que tenhamos de facto uma representação significativa e consigamos contrabalançar a alarmante componente comunista que há nas fileiras do ANC. Eles são basicamente um partido de negros e tendem para o poder negro, como se viu com a presença de Coretta King na sua festa da celebração. Pouco apoio conseguem nos demais grupos populacionais. Em 99 iremos trabalhar para ganhar, como já disse o Presidente De Klerk.

Os "ministeriáveis"

P. — Quem são os vossos ministeriáveis?

R. — Para além de Frederik de Klerk na vice-Presidência, temos como hipóteses Roelf Meyer, Dawie de Villiers, H. J. Coetsee, Derek Keyes, "Pik" Botha e Leon Wessels. Se ficarmos com a Defesa, as Finanças e a Agricultura já será bom.

P. — E Volkstaat, reivindicado pela Frente da Liberdade?

R. — A Frente da Liberdade recebeu suficientes votos para que a sua pretensão seja encarada, mesmo que se trate só de uma autonomia simbólica. O general Viljoen representa a direita moderada, racional, face a um Partido Conservador que já não significa nada.

P. — Parece-lhe que os próximos anos na África do Sul não irão ser muito muito maus?

R. — Há concerteza uma mudança do poder político, mas teremos uma partilha do poder e haverá mais justiça. Temos grandes bases para que o país se aguente, boas estruturas; e Mandela deverá saber actuar de molde a não afugentar as grandes companhias nacionais e estrangeiras. ■

PÚBLICO, 5.5.94

NOTÍCIAS AFRICANAS é uma publicação do CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, do Conjunto Universitário Cândido Mendes. **Edição**: Equipe do Programa de Estudos Africanos (Beluce Bellucci, Edson Borges, José Maria Nunes Pereira, Marcelo Bittencourt e Roquinaldo Amaral Ferreira). **Apoio**: Fundação Ford. **Produção Gráfica**: Hamilton Magalhães Neto (coordenação); Williams Neto (arte-final); Gicélia da Conceição e Sônia Maria (composição). Assinatura, correspondência e pedido de números atrasados devem ser encaminhados à (*Subscriptions, correspondence and request for back issues made payable and addressed to*): **Sociedade Brasileira de Instrução – Centro de Estudos Afro-Asiáticos – Rua da Assembléia, 10/Conj. 501 – CEP 20119-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – Tel. (021)531-2000/R. 259 e 531-2636, Fax (021)531-2155. – Assinatura anual (em dólar comercial)**: *Instituições internacionais:* US$ 250.00; *Instituições nacionais:* US$ 200.00; *Pesquisadores:* US$ 100.00 – *WE ASK FOR EXCHANGE.*

IMPRESSO